



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII

Florianópolis, Novembro de 1949

N. 9



NOSSA SENHORA NO ROSAL

Quadro de Martin Schongauer, na Igreja de S. Martinho, em Colmar

MARIANOS CÉLEBRES

28. Jacques-Bénigne Bossuet.

A vida do maior dos oradores sacros da França abrange a época áurea de sua pátria. Cornélie, Racine, Descartes, La Rochefoucauld e Boileau elevaram a literatura aos mais altos pináculos da perfeição. Teria faltado uma parte essencial se não surgisse um gênio que contribuisse para a glorificação das letras religiosas.

Este gênio nasceu em Dijon, aos 27 de Setembro de 1627 e recebeu na fonte batismal o nome de Jacques-Bénigne. Seu pai era Bénigne Bossuet e a mãe chamava-se Madalena Mochet, ambos descendentes da fidalguia borgoñesa e de famílias em que a dignidade judiciária era tradicional. Que no lar reinasse o espírito católico pode deduzir-se do fato que o pai de nosso mariano tomou ordens sacerdas depois da morte da esposa.

Jacques-Bénigne bem cedo mostrou interesse pelos estudos. Frequentou o colégio dos jesuítas de sua cidade natal com tanto fervor que seus condiscípulos, fazendo trocadilho de seu nome, o chamavam "Bos suetus aratro" (o boi acostumado ao arado). Realmente adquiriu conhecimentos tão profundos do grego e de todas as espécies do latim que se habilitou a dar ao francês uma nova feição. Foi também esta assiduidade nos estudos com que cultivou o gênio que mereceu o apelido de "Águia de Meaux". É esta laboriosidade quevia acompanhá-lo durante toda a sua vida. Foi assim no Colégio de Navarra em Paris onde estudou filosofia e teologia, aprofundando-se, ao mesmo tempo, no conhecimento das línguas clássicas;

foi assim na Sorbona, na qual alcançou o grau de doutor em teologia e que o considerava uma das suas mais legítimas glórias.

Sólidamente preparado por S. Vicente de Paulo, Bossuet foi ordenado sacerdote, em 1652.

Agora seguiram sete anos de trabalho sacerdotal em Metz, durante os quais entregou-se também ao estudo das Sagradas Escrituras e dos Padres da Igreja. Já naqueles anos dedicava-se à tarefa de reconduzir os protestantes ao seio da Igreja, ora pelas controvérsias, ora pelos sermões, mas principalmente por sua ação caritativa.

Em 1659 foi chamado a Paris como pregador, alcançando verdadeiros triunfos como orador sacro. Em 1669 foi nomeado Bispo de Condom, renunciando, porém, logo a esta dignidade. Em lugar dela recebeu o ingrato encargo de educador do indolente príncipe herdeiro. Para tarefa tão delicada quanto difícil Bossuet preparou-se mais uma vez pelo estudo das disciplinas que devia ensinar. Um dos frutos mais sazonados deste labor é o célebre "Discours sur l'histoire universelle", uma síntese genial da história da humanidade, que ainda hoje retém seu valor. Não menos contribuíram para a fama de Bossuet suas "Oraisons funèbres" que revelaram o orador em toda a sua força e grandeza. Foi, pois, com razão que a Academia Francesa o quis ter entre seus membros (1671).

Em 1681, Bossuet foi nomeado Bispo de Meaux. Nesta posição trabalhou ainda 22 anos incansavelmente. Não se esquecendo dos seus deveres como pastor da dio-



Depois do Lavabo, o sacerdote volta ao meio do altar, levanta os olhos, confiante para o crucifixo, inclina-se, em seguida, humilde e reverentemente e, colocando, suplicante, as mãos sobre o altar, reza a oração "Suscipe, sancta Trinitas."

Na sua brevidade, esta prece, além de cheia de unção e piedade, é uma verdadeira apologia da sta. Missa, refutando um bom número de ideias errôneas.

Ao lhe estudarmos o texto, vemos que a sta. Missa é oferecida única e exclusivamente a Deus Trino e Uno. É celebrada em memória dos mistérios principais da vida do Redentor, Paixão, Ressureição e Ascensão.

Nada impede, porém, que qualquer obra boa possa ser feita em honra dos amigos eleitos do Senhor, os Santos Assim compreende-se que a boa obra por excelência, a sta. Missa, seja dita em honra da Mãe de Jesus, em honra do Seu santo Precursor, dos Príncipes dos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo, como de todos os santos da cúria celeste. Muitos autores querem ver, na oração, uma lembrança especial dos santos cujas relíquias se conservam no altar.

O celebrante suplica que o S. sacrifício sirva de honra aos santos que, por sua vez, intercedam por nós.

Glorificando os santos, glorificamos a Deus, fonte de toda a santidade, que soube dar a seres fracos, como nós, a vitória sobre a carne, o mundo e Satanás. Eles é que aproveitaram as graças da sta. Missa; o que eles puderam, também nós o podemos fazer.

O celebrante volta-se agora, mais uma vez, para os fiéis e diz: "Orate,

fratres", "Rogai, irmãos."

Como fiéis, somos todos irmãos, sem diferença de sexo, posição social ou nacionalidade. Todos fomos regenerados pela mesma água batismal em nome da mesma Ss. Trindade, assim que sejamos "todos irmãos" que têm "só um Pai que está no céu". (Cf. Mt. 23, 8-9).

E que devem pedir os irmãos?

Que o meu e o vosso sacrifício se torne agradável a Deus Pai.

É de notar este "vosso". Não é somente o celebrante que oferece a sta. Missa. O sacrifício eucarístico é o sacrifício da Igreja inteira. Os fiéis tomam parte no venerando mistério. Por isso, em nome deles, o ajudante responde: "O Senhor aceite de vossas mãos este sacrifício para louvor e glória de seu nome como para a utilidade nossa e de toda a sua santa Igreja".

É o sacerdote que diz: "Amem", "Assim seja".

Muitos autores vêem no "Orate, fratres" uma substituição do "Oremus" com que o sacerdote começa a Collecta e a Oração após a Comunhão.

Realmente, êle reza agora a Secreta, uma ou mais orações, ditas em voz baixa, o que a esta préce dá o nome.

A Secreta refere-se ainda à oblação feita no Ofertório, e contém dois pensamentos principais: o pedido que as oblatas sejam favoravelmente recebidas em vista da união com o sacrifício de Jesus, e a súplica de alcançarmos os frutos da sta. Missa.

A Secreta é, ao mesmo tempo, a conclusão do Ofertório e a transição para a segunda parte principal da sta. Missa, a Consagração.

cese, continuou nos seus esforços de reconduzir os protestantes à Igreja. Para este fim escreveu várias obras e manteve viva correspondência, como p. ex., com o filósofo alemão Leibniz. Depois veio a questão do "quietismo" na qual teve que tomar posição contra seu amigo Fenélon.

Bossuet lamentou pelo fim de sua vida, sua nímia indulgência para com os jansenistas. Sentiu-se atraído para certas ideias deles em consequência da sua própria severidade de ver e pensar, como, p. ex., a respeito do teatro.

Uma outra questão que um tanto empanou seu nome foi sua atitude para com o galicanismo. É verdade, nunca teria consentido numa igreja nacional, separada de Roma. Mas não soube bastante subtrair-se à influência do culto exagerado que se prestava à majestade de Louis XIV. E assim registou os famosos "4 Artigos".

De resto, influiu muito sobre a vida privada do rei. Não hesitava dizer ao monarca, que no fundo era religioso, mas accorrentado pelos vícios, verdades bem duras. Foi, provavelmente, esta uma das razões por que Bossuet não foi nomeado Arcebispo de Paris, nem proposto para o cardinalato.

O grande Bispo de Meaux, aliás, nunca se procurava a si, nem mesmo nas suas obras literárias. Durante toda a sua vida, passada num ambiente em que reinavam corrupção e imoralidade, soube conservar-se livre do contágio. Foi justamente seu amor ao trabalho, inspirado pelo zelo das almas, que lhe serviu de contraveneno, junto com o espírito de oração.

Acamado já, ditava ainda cartas e ensaios polêmicos, e assim "morreu pelejando", como diz Saint-Simon.

Foi no dia 12 de Abril de 1704.



DO MEU DIÁRIO

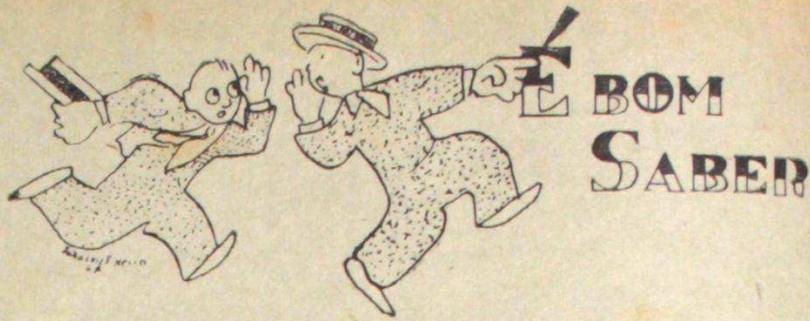
25 de Setembro — O Nazareno está com inveja da borboleta amarela do Amilear.

1 de Outubro — Afim de cada vez mais conformar as nossas CC MM com o que prescrevem as Regras, distribue-se, hoje, a Meditação do Mês. Fomos emprestar o texto ao R. P. Fr. Le Buffe, jesuíta americano, e um bom amigo facilitou-nos a multiplicação. Queremos desta forma, acostumar-nos ao que prescreve a Regra 34 e ao que foi sempre em uso nas antigas CC MM: a meditação diária.

10 de Outubro — O Cláudio veio hoje protestar contra a nossa referência ao paletó "alongado". Mas caiu feio. Pois aí estava o belicoso

Coelho que logo se apoderou da oportunidade de diagnosticar a última doença do Cláudio. Não nos atrevemos a dar ao público o tal diagnóstico.

12 de Outubro — Receberam hoje a fita de congregado os seguintes membros da CM do Rosário, Secção dos Menores: Carlos A. G. da Silva, Cláudio A. Prates (não é o do paletó!), Hélio de M. Mosimann, Hindenburgo B. de Oliveira, Jair de O. Mattos, João L. F. de Mello, Léo M. Coutinho. Que nossa Senhora a todos dê a graça de perseverarem fielmente no serviço de Cristo e de Sua Igreja.



— Durante a última guerra, muitos holandeses foram deportados para a Alemanha para o serviço de trabalhos forçados. O P. Miarka, em Berlim, prestou-lhes todo o auxílio que podia. Agora, de volta para sua pátria, esses holandeses fundaram a "Liga dos Amigos do P. Miarka" que tem por fim remeter víveres e roupas para os pobres de Berlim.

— Pelo Natal do ano passado, chegou ao S. Padre um pedido de 190 pares de sapatos para crianças de Munich. O pedido foi atendido, mandando-se o último par que se achava à disposição. Na manhã seguinte chegaram ao Vaticano, sem que ninguém tivesse feito um pedido ou uma encomenda, 190 pares de sapatos para crianças.

— Há alguns meses, achavam-se num campo de refugiados de Moschendorf (Baviera) 650 meninos refugiados. A rádio de Munich fez um apelo para que estes meninos fossem acolhidos por famílias. 2.000 cartas foram a resposta. Entre os remetentes havia muitos pais de famílias numerosas que achavam que uma criança a mais à mesa não faria grande diferença.

(Das Neue Volk — Rorschach, Suíça).

— Em Janeiro de 1948, os Cavaleiros de Colombo (Knights of Columbus), uma organização de católicos americanos, começaram a publicar anúncios de uma nova espécie nos jornais e revistas dos U. S. A. Tratava-se de nada menos do que fazer a propaganda da religião católica. Estes anúncios, em revistas e jornais com uma circulação de quase 30 milhões, tiveram um esplêndido sucesso. Um 304.000 pessoas pediram informações sobre a Igreja Católica, e mais do que 20.000 inscreveram-se em cursos de correspondência sobre a fé católica. — Alguns dos títulos dos anúncios: "Porque milhões o chamam Santo Padre". — "Continúa a correr para a Igreja". — "Mas Podemos Achar Isto na Bíblia?" Brochuras e cursos por correspondência são gratuitos.

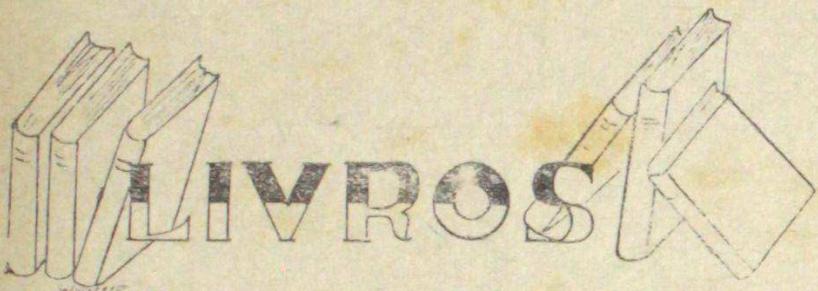
— "Não gosto de fazer esta viagem... Simplesmente não gosto de submarino". Assim escreveu Robert W. Philo, técnico civil a bordo do novo submarino tipo "snorkel", de nome "Cochino", da Inglaterra à sua mãe, residente em Newark, N. J. (U. S. A.). Depois, o submarino empreendeu um aviação de exercício no Oceano Ártico. Em 26 de Agosto, uma explosão no compartimento de baterias imobilizou o "Cochino", 150 milhas da costa da Noruega.

O submarino irmão "Tusk" veio em socorro, e antes que uma segunda explosão enviasse o "Cochino" ao fundo do mar, todos dos 79 tripulantes menos um estavam salvos. Seis homens do "Tusk" foram arrastados pelas ondas e morreram nas águas gélidas do Ártico. E o único homem que foi ao fundo com o "Cochino", foi Robert Philo.

— No dia 21 de Agosto, um avião da Real Força Aérea Canadense espatifou-se no gelo de um lago do Círculo Ártico. Vinte pessoas morreram. Tratava-se de uma viagem para buscar esquimós, atacados por pólio, e levá-los para um hospital mantido pelo governo. Sabe-se que certos funcionários do governo canadense tratam de impedir que a Igreja Católica cuide de tais casos. O avião fora mandado clandestinamente para apoderar-se dos doentes antes que as autoridades eclesiásticas pudessem tomar medidas. É provável que, por esta razão, se descuidasse de tomar as precauções necessárias.

— O "London Daily Telegraph" conta a seguinte piada que provocou o sorriso da Assembléa Consultativa Europeia em Estrasburgo: "Qual é o maior país do mundo?" Resposta: "A Polónia. Seu primeiro ministro está em Washington, seu exército está na Inglaterra, seu governo está em Moscou e sua população está na Sibéria".

(Newsweek — New York)



Espiões Soviéticos, por Richard Hirsch; Editora A Noite, Rio de Janeiro, s. a. — O livro relata as estupendas revelações de Gouzenko a respeito da rede de espionagem soviética no Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. Não se tratava de agentes que traficavam seus segredos por dinheiro, mas de homens que, em virtude de seu saber e conhecimentos científicos, ocupavam posições de confiança, de funcionários que, esquecendo-se de seus juramentos de fidelidade à pátria e nação, trairam não só seu país natal, mas — pode dizer-se — a humanidade. É bem verdade o que diz Winston Churchill num discurso, citado na obra em apreço: "A diferença entre o sistema soviético e os demais consiste em que na seita comunista é um dever religioso sacrificar a própria terra natal em benefício da utopia comunista". O livro é um grito de alerta.

Filosofia — Pedagogia — Religião, por Lúcio José dos Santos; Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s. a. — O autor, falecido há poucos anos, reunia em sua pessoa todas as qualidades necessárias para falar magistralmente sobre os assuntos enunciados no título da obra. Cientista de vasta cultura, pedagogo experimentado, católico fervoroso, mostra ele as correlações entre a filosofia, a pedagogia e a religião. Sem ser polemista, refuta o que é falso nos nossos modernos sistemas de ensino. Profundo conhecimento da respectiva literatura habilita-o a expor as diversas opiniões sobre as diferentes questões. Seu saber dá-lhe o direito de apontar o que está errado. Sua harmoniosa personalidade, que une em si os tesouros da ciência com a certeza da fé, permite-lhe indicar as proporções em que filosofia, pedagogia e religião devem colaborar na educação do futuro cidadão cuja vida na respectiva pátria deve ser uma preparação para a vida eterna.

Serels as Minhas Testemunhas, Edições Melhoramentos. — "Tal como declara a Autora, uma religiosa de Santo André, este oportuno livro pertence e é destinado à juventude, estudantil de preferência, e a toda ela por extensão. "Meditações para a vida cristã, aparece através das "Edições Melhoramentos" em uma caprichosa

segunda edição, revista e ampliada, com o consenso de S. Excia. Revma. D. F. Gabriel, bispo auxiliar de Jaboaticabal. Quinhentas e trinta e nove páginas de leitura, meditações e devocionário. Em linguagem muito adequada à juventude dos colégios, e nem por isso menos rica de colorido e daquela mística beleza que faz da prece uma oblata mais preciosa para os momentos de união com o Supremo Ser, não haverá exagero no dizer-se que se trata de um livro completo para a finalidade proposta, como aliás muito bem o demonstra o sucesso obtido pela sua primeira edição.

"A primeira parte cuida da "Vida Cristã", propondo e desenvolvendo quarenta temas para meditação. A segunda parte estuda e medita as festas do ano litúrgico. E a parte final se constitui num devocionário com as principais orações usuais nos colégios católicos, devoção ao Coração de Jesus e a Sagrada Paixão, devoção a Nossa Senhora, a São José, métodos para assistir à Santa Missa, para rezar o rosário e preparação para os santos sacramentos".

ESCOLA DE GUERRA (XXXIX)

As Regras da CM e a Constituição Apostólica "Bis Saeculari Die"

(Continuação)

I. Formação do Apóstolo Leigo
Esta formação deve ser teórica e prática. Ela deve ter em vista tanto a própria santificação do congregado como sua preparação para a cooperação no apostolado da Igreja.

Como base e fundamento de formação sólida, a Regra 9 indica os Exercícios Espirituais (Retiro Espiritual) a serem feitos anualmente.

O Congregado e Organizador da Ação Católica, S. S. Pio XI, em sua Encíclica "Mens Nostra" (20-12-1929), chama os Exercícios Espirituais "uma fonte de muitas raras vantagens para o povo cristão". Eles são um remédio contra "a levandade e falta de reflexão" que caracterizam nosso tempo.

Nos Exercícios Espirituais, o homem tem "a oportunidade de examinar essas gravíssimas e pe-

netrantes questões que se referem à origem e ao destino do homem: donde vem; para onde vai". O exercitante chega a conhecer-se a si mesmo, acostuma-se a pesar as cousas com espírito maduro e imparcial; a vontade adquire força e firmeza; as paixões são dominadas pela razão.

Os Exercícios Espirituais têm o poder de "aperfeiçoar as forças naturais do homem, e além disso e mais especialmente, de formar o homem sobrenatural ou o homem cristão". Eles ajudam a "compreender o valor da vida humana, devotada somente ao serviço de Deus"; horror à torpeza do pecado, o santo temor de Deus, o conhecimento da vaidade das cousas deste mundo e a mudança radical do ser num novo homem, num homem melhor, são outros frutos preciosos do retiro. Numa escada ascendente, o exercitante trata de chegar "ao estado do homem perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo", (Efs. 4,13) i. é, aspira eficazmente à perfeição cristã, à santidade pessoal.

Mas não é tudo.

Pio XI mostra um outro ponto essencial para o congregado. Ele fala do "preciosíssimo fruto que redonda em grande vantagem para a vida social: a saber, o desejo

de ganhar almas para Cristo, o que se chama espírito apostólico. Pois é o efeito genuíno da caridade que a alma, na qual Deus habita pela graça, arda, de um modo maravilhoso, no desejo de chamar a outros que participem do conhecimento e amor deste Deus infinito que ela alcançou e possui".

Em seguida, o Sumo Pontífice diz que o espírito apostólico não é necessário somente aos missionários ou ao clero que trabalha em terras cristãs, mas a todos aqueles que se devotam à Ação Católica. Por meio dos Exercícios Espirituais o homem generoso não vê somente com clareza o valor das almas e é inflamado do desejo de ajudá-las no estado de vida para o qual Deus o chamou, mas ele pode "aprender o espírito ardente do apostolado, sua assiduidade, sua laboriosidade, suas provas de intrepidez".

É evidente que a CM, que de pleno direito é denominada Ação Católica, não pode renunciar a um dos melhores, a um dos mais eficazes meios de formar santos e apóstolos.

Os Exercícios Espirituais são um curso especial na Escola de Guerra no qual se atende de modo particular à formação pessoal do soldado e à sua instrução para a ação diante do inimigo. (Continua)

ÉS ESCRUPULOSO?

Uma entrevista com o R. P. Francis J. O'Boyle, S. J.

Por Daniel A. Lord, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

Uma Concessão Honesta: Calei-me por um momento. Afinal de contas parecia-me muito, exigir de uma pessoa — a aceitação cega da consciência de algum outro em lugar da própria. Disse isto ao P. O'Boyle.

"É por isto que o escrupuloso deve ser levado a encarar calma e honestamente o fato de ele ser escrupuloso," respondeu o meu interlocutor. Quando um confessor pergunta, como confessores não de perguntar logo depois de uma pessoa escrupulosa ter comedido a sua confissão: O Sr. é escrupuloso? seria bom para o penitente arrostar francamente a situação e então aceitar a diagnose do confessor.

"Nenhum paciente gosta que se lhe diga que tem uma doença enfadante. Mas ele é um tolo se, quando o médico lhe dá tal diagnose, insistir que não tem tal doença. A cura do doente começa quando ele encara o fato que sofre da doença e enfrenta o médico com um confiante 'Está bem, doutor. Que pensa que devia fazer?'"

"Assim, quando o confessor diz: O Sr. é escrupuloso, o penitente faria bem em dizer simplesmente: Compreendo. Coloque-me em suas mãos. Que pensa que devia fazer? Deste momento em diante o penitente deve seguir com fé implícita as prescrições do sacerdote."

"Esse penitente tem esta grande consolação: O sacerdote é para ele neste respeito o representante de Deus. A voz do sacerdote é para ele a voz de Deus. Quando o sacerdote prescreve, Deus aprova. E o penitente não tem mais responsabilidade nesta matéria."

"Mais do que isto, se houvesse qualquer erro na direção dada pelo sacerdote, a responsabilidade estaria inteiramente com o sacerdote; o penitente de forma alguma mereceria censura."

"Mas," objetei, "este erro não envolveria o penitente? Se o sacerdote lhe desse um conselho errôneo, o sacerdote estaria culpado de pecado, e a pessoa escrupulosa teria sido a ocasião desse pecado."

Apto no Manejo de Escrúpulos.

Outra vez o P. O'Boyle sorriu. "Isto não o precisava incomodar de forma alguma. Em primeiro lugar, o sacerdote tinha sido ensinado a manejar escrúpulos. Não é muito provável que aconselhará o penitente a fazer o que está errado. E mesmo se seu conselho estivesse errado, o sacerdote daria tal conselho na suposição que estava certo; Deus não castiga um homem que cometeu uma ação má, se ele acreditava que tal ação era boa. Deus não permitirá que cometa erros o sacerdote que está tomando Seu lugar em acalmar as angústias de uma alma perturbada."

"Escrupulosos precisam somente submeter-se ao conselho do sacerdote. Deixem o sacerdote decidir. Faça o que ele manda fazer. A consciência dele é por enquanto a consciência do consulente. Ele pode voar cego. Deus o levará para a casa são e salvo."

"A primeiríssima coisa que o escrupuloso deva fazer, é escolher um diretor espiritual, um sacerdote que compreenda, mas que é firme. Ele devia expor o seu caso tão honestamente quanto possível, e então agir justamente como o sacerdote lhe diz."

"Ele Não Compreende". "Isto está tudo bem", disse eu, "mas suponha o sacerdote não compreende? Nem todos os escrúpulos

são os mesmos. E nem todos os escrupulosos são os mesmos. O problema de cada um é um problema individual e requer uma porção de cuidadosa explicação".

O P. O'Boyle sorriu um pouquinho cansado.

"O Sr. fala quase como um escrupuloso", disse. "É curioso, mas escrupulosos são inconscientemente e sem culpa um pouco presumidos. Cada um pensa que seu caso é tão terrivelmente diferente de qualquer outro caso; seu problema é um que nunca teve precedente; ele terá que explicar seu caso durante horas antes que o sacerdote o compreenda".

"Bem", perguntei, "não tem razão?"

"Se há em todo o mundo alguma coisa estereotipada, são os escrúpulos. Uns poucos minutos de explicação comunicam-me tudo quanto preciso saber a respeito do caso mais complicado. E quando eu ou qualquer outro sacerdote experimentado disser a um escrupuloso: 'Compreendo agora. O Sr. tornou o caso perfeitamente claro', essa pessoa pode estar absolutamente certa que eu compreendo mesmo e que nenhuma coisa que ele pudesse acrescentar, tornaria a sua história mais clara".

"Portanto, a cura para os escrúpulos é..."

"Obediência, obediência e mais obediência", disse o P. O'Boyle. "Escolha um sacerdote para seu confessor, vá a ele, e faça exatamente o que ele lhe diz que faça. Esta é a única cura. O escrupuloso deve substituir a consciência correta do sacerdote pela sua própria incorreta. E ele deve fazer isto, até mesmo quando teme que o sacerdote esteja errado".

"Bem", observei, levando isto para o terreno do pessoal, "suponha que uma pessoa escrupulosa viesse com o Sr. como procederia para curá-la?"

Consciência Fora do Eixo. "Primeiro", disse o P. O'Boyle, "eu lhe explicaria porque deve implicitamente aceitar a minha consciência em vez da sua: Sua consciência está absolutamente errada; nos seus momentos calmos ele sabe isto; quando toma decisões para outros, estas mesmas decisões provam-lhe que sua própria atitude é incorreta. Deve permitir que minha consciência substitua a dele."

"Depois deve confessar-me com relativa raridade. Se ele se permitir de correr a cada passo à Confissão, enlouquecerá. Deus exige de um penitente somente isto: um esforço razoável de fazer uma boa confissão. E eu sou quem decide se a confissão é boa ou não."

"Entre as confissões sob condição nenhuma deveria examinar sua consciência. Ele deve dizer-se, quase rindo, que não tem consciência a examinar. Deve voar cego."

"Quando ele está em dúvida a respeito de qualquer coisa — está isto certo ou está errado? — ele deve dizer-se que está certo".

Vá Adiante! "Um momentinho", interrompi. "O Sr. não vai um pouco longe demais? Imagine que seu penitente tem a ocasião de roubar cinquenta dólares. Não está o Sr. praticamente a lhe dizer que os leve e se diga a si mesmo que está agindo bem com esta ação?"

Fazendo um gesto com o seu cachimbo, o P. O'Boyle como que ignorou a pergunta.

"O Sr. não prestou bem atenção", disse, sorrindo com tolerância. "É um pecado mortal roubar cinquenta dólares?"

"Em circunstâncias ordinárias, sim".

"Alguma dúvida a respeito disto?"

"Certamente que não".

"Pois bem", disse o P. O'Boyle, "não há caso aqui, para escrupuloso. Não posso ter escrúpulo a respeito de um ato exterior do qual eu sei com certeza que é pecado. Alguém mata um homem, rouba um banco, mete fogo numa casa; todos estes são claramente atos exteriores e objetivos; sei com certeza que são maus."

"O escrupuloso torna-se confuso com respeito a coisas que acontecem dentro de si mesmo. Ele não pode decidir se consentiu ou não em certo pensamento e se estava certo ou não caso consentisse. É em tais casos de dúvidas que ele deve dizer-se que está certo, que não cometeu pecado".

"Então acha que devo dar este conselho a todos os meus penitentes?"

A Cura É a Comunhão. "Certamente não. Este conselho vale só para escrupulosos que não sabem resolver suas dúvidas, cuja inclinação é ver pecado onde não há pecado. Tal conselho é só para estes tais; só a estes diria: 'Quando em dúvida, vá adiante'."

"Compreendo".

"Então lhes aconselharia que fossem à Santa Comunhão regularmente".

"Mesmo quando eles julgam que possam ter pecado mortal na alma? Mesmo quando temem ter quebrado o jejum ou dado causa a outros de pecar seriamente?"

O P. O'Boyle olhou meio pensativo.

"Se os escrupulosos só quisessem fazer isto, receber a Santa Comunhão, não importa como se sentem, a metade de suas lutas teriam fim, e a sua cura estaria conseguida pelo menos na metade."

O EXILADO

Perto das fronteiras de sua estremada pátria vive ele.

Levantando para o alto seu olhar, pode ver os cumes de sua terra natal. Ao pôr do sol, quando os últimos raios do astro-rei os tingem de vermelho e ouro, transpassam sua alma as dores cruciantes da saudade. Quisera tomar asas e voar para o torrão que viu nascê-lo, onde morreram seus pais, onde vivem seus parentes e amigos. Quisera rever os prados e os bosques que formaram o cenário no qual passou os anos de sua infância, quisera ouvir o murmúrio do riacho que passa tão perto da casa paterna. Como deseja trocar um aperto de mão com os companheiros dos folguedos da juventude! Como tortura-o este anseio de estar em casa!

São tão poucos os passos que o separam da realização de seus ardentes desejos. Mas, não pode ser, ainda não.

Não está exilado para sempre, não. Mas quanto pesa o tempo! Com que lentidão passam os dias, os meses, os anos!

Talvez interceda por ele um amigo. Talvez um coração compadecido se lembre dele. Será que todos o esqueceram?

Há milhares e milhares destes pobres exilados no Purgatório.

É tu, amigo, podes, deves lembrar-te deles. Podes, deves interceder por eles. Podes, deves ajudá-los para que se lhes abrevie o penoso exílio.

Ninguém é tão pobre que não possa rezar pelos pobres exilados

Mas eles que precisam tanto do médico divino, mantêm-se afastados dele. E ele que gosta de os ajudar, não pode estender a mão e lhes dar o auxílio de que tem tamanha necessidade. A Santa Comunhão em todas as circunstâncias, por maior que sejam sua perturbação, angústia, dúvida — este é o grande passo adiante para a cura dos escrupulosos.

Tão Bom! "Conheci literalmente milhares de escrupulosos", continuou, "e sua característica predominante é sua virtude. Levam uma vida sem pecados. Realmente, é seu mesmo medo do pecado que os faz lutar contra a sugestão até de pecado e desanimam em terror com um só pensamento de tentação; é este medo exagerado que lhes causa os escrúpulos. Construíram ao redor deles barreiras tão fortes que o pecado possivelmente não pode as atravessar para capturar suas almas. Eu acho que, em caso após caso, pessoas que são escrupulosas, nunca cometeram pecado mortal. Levaram uma vida imaculada. E contudo atormentam-se sem necessidade, miseravelmente, horrivelmente."

"Desejo dizer a cada alma escrupulosa no mundo: 'Pensa que estarias escrupulosos se não tentasses seriamente agradar a Deus? Pensas que poderias temer tanto o pecado se não estivesse na graça de Deus? Este medo que tens do pecado, é tua maior segurança que não há pecado na tua vida. Não odiarias o pecado desta forma, se fosses pecador. Odeia-lo, porque estás sem pecado. Fazes-te cuidados por causa dele, porque desejas ser bom. És escrupuloso, simplesmente porque estás com tanto medo de perder tua alma e o amor de Deus."

(Continua)

PULGAS

Escreve um Diretor de Congregação:

Quando ainda estava no seminário, depois de minha ordenação, ia todos os sábados a uma certa paróquia para ajudar ao vigário.

Antes de pegar o trem, tinha mudado toda a roupa, dos pés à cabeça. Mas aí! a igreja do meu amigo era bem velha e as pulgas eram abundantes. Mal estava no confessionário, e elas lançaram-se ao ataque — apesar da roupa limpa.

É bem verdade: pulga não mata. Mas basta uma para tornar desagradável a vida.

Olhem, assim é com uma CM. que funciona bem, que pode gloriar-se de membros fervorosos, que é a alegria de seu Diretor.

Mas mesmo na CM há pulgas!

São aqueles congregados que nunca são capazes de cumprir fielmente seus deveres. Ora faltam a uma reunião, ora deixam de tomar parte na Comunhão Geral, sob um pretexto qualquer. São os eternamente atrasados, os que ficam sempre na retaguarda, com a bagagem.

Não precisa haver muitos destes numa CM. Mas é como com as pulgas. Uma basta. E de pulga ninguém gosta.

do Purgatório. Ninguém é tão sem influência junto à Justiça de Deus que não possa com seus sacrificios pagar as dívidas das pobres almas.

Amigo, lembra-te, durante este mês, dos exilados da pátria celeste.

O LOBO DO MAR

Por Lorenzo M. Guerrero, S. J.

(Tradução)

Porque êle foi chamado Lobo do Mar, ninguém parecia saber. Talvez sua velha roupa de marinheiro e a sua perna de pau lembravam um pirata e o nome quadrava bem à sua aparência rude e desajeitada. V. podia esperar encontrá-lo em qualquer dia que viajasse pelo Pacífico Sul. O nome do homem era uma lenda; seu passado, um mistério. O Lobo do Mar simplesmente nunca falava de si mesmo. O cura da Missão de Katoomba, umas quarenta milhas distantes de Sydney, na Austrália, lembrou-se tê-lo visto cantar as selvagens canções do mar e mendigar nas vielas de Surrey Hills, e uma vez, enquanto estava pregando missão em Mt. St. Victoria, o Lobo estava no adro da Igreja escolhendo livrinhos de uma estante de brochuras religiosas. Isto foi há uns bons cinco anos.

Então, repentinamente surgiu de novo na Missão de Katoomba, e o Padre Feeney viu o velho amigo da água salgada passar pela Casa Canônica.

"Bem, meu velho", gritou-lhe. "V. gosta de viajar, não é?"

"Sim, padre", respondeu e o sacerdote ficou surpreso com a gentileza da linguagem. "Realmente viajei muito, mas agora as sombras estão se alongando e eu sinto que a tarde de minha vida chegou". As palavras vieram fluentemente e bem escolhidas. O tom foi o de um homem culto.

"Suba comigo para a varanda e descanse um pouco", convidou o cura, levantando-se para o cumprimentar.

O marinheiro inclinou-se quando pegou na mão do sacerdote e a levou aos seus lábios com graça indefinível. Lágrimas corriam dos seus olhos ao fitar o sacerdote. "Padre", disse, "vou-lhe contar a história de minha vida.

"Quando estiver morto, poderá repeti-la se quiser. Mas meu nome, êste nunca deve revelar, porque desejo ficar esquecido e desprezado".

O P. Feeny levou o velho a uma cadeira confortável. "Ora, certamente, hei de respeitar os seus desejos, meu bom homem", disse. "Não há dúvida, seus segredos estarão seguros comigo".

"Eu pertencço a uma velha família inglesa", começou o vagabundo idoso, sua cabeça um tanto inclinada, os olhos focando o chão. "Sou graduado de Oxford e ganhei meu título de doutor em filosofia na Universidade de Leipzig. A minha carreira estava planejada na marinha e com vinte e seis anos eu comandava uma expedição para a Crimeia. O meu governo decretou que eu tinha servido com distinção e conferiu-me muitas medalhas e honrarias. Minha vida era um redemoinho de aventuras e prazeres que adequadamente satisfaziam a minha inclinação de correr mundo que pulsava no meu sangue. Então num pesado ataque uma granada arrancou-me a perna e eu fui hospitalizado, primeiro em Malta, e depois em Sevilha, na Espanha. As Irmãs do Sagrado Coração cuidavam deste último e eu tinha muito tempo para observar sua alta dedicação religiosa e a alegria com que aceitaram o seu quinhão de trabalho diário. Comecei a pôr na balança os serviços delas e os meus e gradualmente um senso esmagador da minha vida irreligiosa me terrorizou. Os meus dias tinham sido entregues a toda espécie de licenciosidades. As vezes havia meses e nenhuma única vez me veio um pensamento de Deus".

A sua voz ficou entalada; lágrimas rolavam pelo velho rosto curtido, lágrimas de que não se envergonhava. Depois de um breve intervalo, continuou calmamente.

"Comecei a verificar que as Irmãs estavam acumulando tesouro no céu. Minhas mãos estavam repletas das inúteis, tolas e amargas frutas do Mar Morto. Devagar um novo conceito de vida tomou forma em minha mente. Estava focado contra a vasta cortina da eternidade. Tomei uma resolução ousada que revolucionaria todo o meu modo de viver. Dicidei abandonar honras, riquezas e luxo, e trabalhar para a minha salvação com medo e temor.

"Como lhe disse no princípio, eu era rico, de alta linhagem e consciência da atenção e influência que correspondem a um grande nome. Fria, calmamente tomei a minha resolução. Sabia que tinha quase perdido a fé. Bem distintamente estudei as duas estradas que se estendiam ante mim: uma de honra, conforto e cheia de alegria mundana; a outra, caminho da pobreza, do sofrimento, da humilhação, mas no fim do qual eu via os traços sorridentes de Cristo e de Sua Mãe.

"Escolhi a última, e agora", fez uma pausa e então, com uma nova firmeza na voz, continuou, "em breve espero ver a face de Deus"!

Com profunda curiosidade e com uma certa reverência, o P. Feeney escutava atentamente, sempre a estudar o rosto do homem. De baixo daquela barba e da massa de basto cabelo que escondia sua fronte, havia, vagamente discerníveis, as linhas de um homem sem preconceitos. Havia o poder tranquilo que vem da paciência; o equilíbrio que demonstra o grande caráter.

"Tive um amigo na marinha", continuou com um sorriso. "Era um rapaz amável e corajoso, um irlandês. Morreu perto de mim na batalha. Sabia que não tinha nem parentes nem amigos. Resolvi tomar o nome dele como o meu dora em diante. Secretamente deixei o hospital durante uma noite e embarquei como cozinheiro num navio destinado à Batávia. Não foi tão fácil como tinha imaginado. Sofri torturas. Sempre sonhava com uma velhice feliz, rodeado de filhos e amigos. Todo o meu ser anciava pelo antigo costume de vida. Resolutamente eu guardava e de uma maneira superior as palavras de S. Paulo: "Ele será salvo, mas como se fosse pelo fogo". Conseguira firmar a minha escolha irrevogavelmente.

"Verifiquei que estava procurando a vida eterna. Resolvera passar pelo mundo como mendigo, ser um objeto de compaixão e desprezo, um homem que anda pelo mundo sem chamar a atenção.

"De noite, quando passava pelos lares iluminados e ouvia as vozes das crianças, a música e o riso, e me condenava a dormir na terra nua, estava tão deprimido por um sentimento de miséria e abandono que, às vezes, roia o meu punho na agonia da dor. Dera a minha palavra a Deus. Nunca mais procurarei o que era belo e confortável. Sustentava-me com dois cruzeiros diários e tudo quanto obtinha acima desta soma, ia para os pobres.

"Durante cinquenta anos agora eu marchei através desta campanha amarga, mas sempre fui interiormente confortado por Deus e Sua Bemaventurada Mãe".

Quando ele acabou a sua histó-

NA CABEÇA

Tristeza do Índio Velho

Por João Paulo Silveira

O pobre índio velho, descendente das heróicas tribos do passado, pensava refestelado, tristemente, numa cômoda poltrona da cidade moderna. Seus olhos corriam melancólicos pelo luxuoso apartamento. Lá fora ouvia-se o ruído surdo e comercial das cidades. Um raio de sol amarelo-pálido estendia-se janéla a dentro. O índio pensava. Pensava nos seus antepassados. Pensava nos seus pais e avós, que lutaram como leões para conquistar um grande ideal. Pensava na energia e coragem irrefreável de seus ancestrais que desbravavam mato, que expulsavam os inimigos da terra, que amavam aquela paisagem rústica: a capelinha branca, o coqueiro dourado pelos reflexos do sol matinal, o choro de angústia do triste urutau, ao cair da tarde, contrastando com o triste gemido da branca cascata espumante. À noitinha, quando a lua despejava sua luz prateada, saía São-Salavá, o espírito da mata, rondando pelos sertões, fazendo travessuras, atormentando o espírito do cafuso perdido.

O pobre índio velho refletia. Via claramente o amor à terra, o sublime sentimento de Pátria dos seus antecessores. Sentimento que já nascia com eles, que ecoava

ria, o cura tentou retê-lo. "Espere um momento", aconselhou. "Entre na casa comigo para comer e beber alguma coisa. O sr. está gasto e doente". Foi, porém, um gesto inútil de hospitalidade. Os olhos cintilantes com uma determinação inflexível, o Lobo do Mar fez um sinal ao sacerdote para que o deixasse passar.

"Padre", disse reverentemente, "posso dizer que estou chegando ao meu fim. Por favor não tente arrancar-me à vitória". Vagorosamente desceu os degraus e seguiu seu caminho.

Aquela noite, o P. Feeny refletiu sobre a vida heróica deste homem estranho; foi despertado deste sonhar pelo insistente som da campainha da porta. Um rapaz do hotel estava na soleira. "Tim McReavy deseja vê-lo, padre. Está a morrer".

Com os Santos Óleos no bolso interno, o P. Feeny correu para o hotel. Mostraram-lhe o caminho para a estrebria. O homem estava estendido no húmido assoalho de terra batida, na escuridão. Uma única vela oscilava ao vento.

"Permita-me que morra deitado no chão, Padre", gemeu o moribundo com voz entrecortada. O P. Feeny ajoelhou-se ao lado do velho marinheiro e ao clarão da luz amarelada da vela administrou-lhe a Extrema Unção. Um minuto mais tarde, o Lobo do Mar sofreu uma convulsão. Seu corpo levantou-se. Estendeu os braços. "Ó Cristo, Meu Salvador", exclamou de repente. Devagar seu corpo tombou inerte. Sua jornada terrestre estava finda.

Agora, no cemitério de Katoomba, está uma cruz de madeira, toscamente cortada, e inscrita se vê a singela legenda: "Tim McReavy". O P. Feeney nunca revelou o verdadeiro nome do Lobo do Mar. "Está escrito no céu", dizia.

("The Queen's Work").

FIM

subjetivamente na criança antiga, como uma vós que estivesse a gritar em suas entranhas: "Tu és brasileiro! Tu tens que lutar pelo Brasil!". Eram écos subjetivos que ordenavam uma ação objetiva.

E o pobre índio velho, tristonho, com amargura a escorrer-lhe em gotas pela face, comparava a Grande Bravura dos brasileiros do passado com a grande Hipocrisia dos modernos brasileiros. Antigamente, crescia, o menino brasileiro com os cânticos singelos e lendas sutis das poéticas mucamas. Ouvia, o menino brasileiro, maravilhado, o heroísmo dos bravos patriotas, pelos lábios austeros e carinhosos do papai. Via, o menino brasileiro, em tudo, um pedaço do Brasil, uma nota de beleza e poesia. Escutava de cada canto, vozes que clamavam por homens valentes, que imploravam heróis. E o pequeno menino brasileiro tornava-se o grande homem pela coragem, que se distinguia pelo amor.

Hoje, tudo está modificado. Já nascem os brasileiros ouvindo os berros do estrangeirismo. Já não adormece mais, o menino brasileiro moderno, com a voz ingênua das mucamas, mas com as cantigas livres das criancinhas da moda. Já não sabe mais as histórias dos heróis da Pátria, porque tem à mão as histórias em quadrinhos de heróis fictícios, que lutam com os monstros enormes e fazem o impossível. Já não admira o coqueiro solitário nem a capelinha branca porque viu no cinema as paisagens americanas e as igrejas colossais. Não distingue mais a Voz da Terra porque a voz do Rádio a abafou.

E o menino moderno brasileiro deixou de lado o Brasil. Por que abandonar as idéias fantásticas dos comunistas para ingressar no realismo patriótico dos nacionalistas? Por que amar um Deus que a gente nem vê? Por que deixar de caluniar, de intrigar esses "patriotes" que andam por aí a semear a religião e patriotismo? Por que? Por que?

O pobre índio velho levanta-se. De seus olhos descem lágrimas de amargura. Que saudade de seus pais! Que saudade de seus avós! Que saudade do Brasil! E então, num murúmbrio abafado, uma voz ressoou nos ouvidos do pobre índio velho. Uma voz de tristeza, cheia de melancolia, que ressoará há muitos anos atrás e ressoará sempre, enquanto o mundo houver: "Perdoai-lhes, Senhor, pois não sabem o que fazem."



O sol soviético faz do mundo um deserto